

“O cristianismo no limiar dos novos tempos”

Nos dias 5, 6 e 7 de Março do ano em curso, a Faculdade de Teologia do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa levou a efeito as suas Jornadas de Teologia, intituladas “O Cristianismo no limiar dos novos tempos”.

O presente fascículo de HUMANÍSTICA E TEOLOGIA reúne as comunicações apresentadas nessas Jornadas. Lendo-as e recebendo-as e percebendo-as agora com nova luminosidade, o leitor será também certamente interpelado e convocado a colocar-se/reconhecer-se na sua situação/condição de limiar, ao mesmo tempo de esperança e de incerteza, de expectativas, anseios e receios, que todo o limiar sempre comporta. O limiar supõe o limite, não apenas no sentido da linha que de-limita um mundo, fechando-o, mas no sentido kantiano de “fronteira” (Grenze) que, ao mesmo tempo que de-limita um mundo, abre também necessariamente para outro. É sabido que o mundo moderno, nas suas coordenadas teórico-sistemáticas e científico-técnicas, pretendeu ilusoriamente ter saber e poder sobre tudo. Pretensão ilusória, porque o tudo é sempre, em última análise, o tudo de nada, não sendo o totalitarismo e o nihilismo senão as duas faces da mesma moeda. Em boa verdade, o tudo, exactamente pelo facto de ser tudo, tem de ser necessariamente limitado, limitado com limite, mas sem limiar, porque o tudo, se é tudo, como é que pode ter ainda janelas para outra coisa?! É o mundo empequenecido, reduzido às dimensões do cadáver e do cemitério, constantemente asfixiado por um sufocante cheiro a

amoníaco (Edgar Alan Poe); é o mundo onde “tudo o que existe tem três dimensões, a saber, comprimento, largura e altura, e aquilo que não tem três dimensões não existe nem está em parte alguma” (Thomas Hobbes); é o mundo que Dostoievski define como o mundo do “dois vezes dois quatro”, para logo acrescentar: “o homem sempre teve medo desse ‘dois vezes dois quatro’, e eu também tenho”.

Não é por acaso que esta sociedade ocidental evita os nascimentos, pois cada nascimento não vem senão aumentar aquilo que deve morrer. É quase com estas palavras que Franz Rosenzweig abre, já em 1921, a sua *Der Stern der Erlösung*, uma das grandes referências de Levinas, em que Rosenzweig faz a denúncia radical do pensamento ocidental como pensamento da totalidade e da morte, assente no mundo determinístico da necessidade, que nega o milagre, a graça, a assimetria, em última a análise, o nascimento, que é um acontecimento que não me é dado projectar e em virtude do qual eu vivo.

Viver em estado de limiar implica um “novo pensamento” (outro título de Rosenzweig), uma nova responsabilidade, uma nova identidade. Novo pensamento, em que “pensar” (*Denken*) não seja um acto de orgulhoso e ilusório solipsismo, mas comece por ser um acto de gratidão: “agradecer” (*Danken*) ao outro que me precede e tem precedência sobre mim e para mim estende amorosamente as mãos, instituindo-me como sub-jectum [sub-metido] passivo, receptivo e responsável, como “eis-me aqui”. Nova responsabilidade (o étimo de responsabilidade remete para resposta), em que eu sou chamado a responder e não posso deixar de o fazer, não já apenas a mim mesmo e por mim mesmo (responsabilidade identitária), mas ao outro e pelo outro. Nova identidade, não do eu que se auto-constitui, se auto-fundamenta e se auto-realiza perseverando no ser segundo o cogito cartesiano e o conatus essendi de Espinoza, mas do eu que se recebe de outrem para viver livre e responsavelmente “de outro modo que ser” (Levinas).

Viver em estado de limiar implica enunciar correctamente “passado” e “futuro”. Quando dizemos “futuro” é à nossa frente que o vemos, pois vivemos voltados para a frente e para o futuro, ainda que vejamos o futuro com vistas curtas, muitas vezes apenas

como o resto do nosso presente. Significativamente, na língua hebraica, que é a língua do povo bíblico, “futuro” diz-se *’ah-rît*, termo que etimologicamente deriva de *’ahar* [“costas”, “atrás”], significando, portanto, não o que está à frente, mas o que está atrás, todo o atrás de mim, e “passado” diz-se *qedem*, que significa também “oriente”, lugar onde nasce o sol pelo qual nos orientamos. Quer isto dizer que, enquanto que nós vivemos voltados para o futuro imediato e viramos completamente as costas ao passado, o povo bíblico, de língua e mentalidade hebraicas, vive voltado para o passado que é o oriente por onde continuamente se guia, caminhando, portanto, para o futuro, de costas, para não perder o fio do passado, da memória, da recepção-tradição. Neste limiar em que se encontra o mundo ocidental, praticamente já perdemos o passado, a memória e a recitação, porque perdemos a transcendência e já não fazemos a experiência fundamental e “princípial” da graça, único lugar que possibilita a recitação. E arriscamo-nos igualmente a perder o futuro, pois as crianças, que são o futuro, são cada vez mais consideradas como um impecilho à nossa perseverança no ser. Sem passado nem futuro, que tempo fica? Fica *chrónos*, que mutila o pai e devora os próprios filhos, um tempo esfacelado, atomizado, incomunicável, órfão e castrado, vazio, que nada recebe e nada entrega. De ninguém e a ninguém. Um tempo que não é presente, porque o presente só se compreende na rede do “passado – presente – futuro”, como recebido e a fazer. Um tempo esborado em múltiplos fragmentos, sempre condenados a não serem senão fragmentos, isto é, que não se podem juntar. É um tempo infecundo, infrutífero, sem eternidade. Um tempo para se gastar, como qualquer outra mercadoria à venda no super-mercado. Um tempo barato. Para usar e deitar fora. Um tempo sem liberdade e sem responsabilidade; portanto, sem história, isto é, sem interpelação nem resposta. Um tempo morto, deitado, fechado, horizontal. Um tempo “espacializado”, em que as pessoas se movem no tempo, como os objectos se movem no espaço, e os acontecimentos de que somos em parte sujeitos e em parte objecto são todos mais ou menos explicáveis pelas leis da natureza, sem liberdade nem responsabilidade, sem amor nem dor nem alegria. Contra a doença deste tempo enlatado de

chrónos, é preciso anunciar o tempo aberto de kairós, o tempo de Deus e do Homem, o tempo da dádiva e do agradecimento, da receptividade, da liberdade, da responsabilidade, da recitação, da história. Um tempo com sentido. O tempo da comunicação, da interpelação e da resposta. O tempo da longa duração, com passado, presente, futuro e eternidade, em que serenamente nos inserimos, situamos e empenhamos, de pé, como pessoas livres e responsáveis, na construção de um novo amanhã. Não como objectos mais ou menos à deriva numa espécie de tempo espacializado.

Viver em estado de limiar implica, portanto, prioritariamente receber e agradecer. Implica a prioridade, a precedência e a transcendência do outro sobre mim (Levinas). Não posso saltar os muros altos de 2000, cancelando o passado e pretendendo construir um futuro completamente novo, tipo New Age, que anuncia o fim da era sombria e violenta de Peixes, feita coincidir com o cristianismo que tem no “peixe” (ichthýs) uma das suas representações gráficas, e o começo da era luminosa e feliz de Aquário. Não é este o “novo” de limiar dos novos tempos. A língua grega tem dois termos para dizer “novo”: néos [completamente novo] e kainós [antigo renovado]. É muito significativo que o grego do NT fale de “nova aliança” (kainê diathêkê) (Lc 22,20; 1 Cor 11,25) e de “nova criatura” (kainê ktísis) (2 Cor 5,17; Gl 6,15), não com néos, mas com kainós. Novidade na continuidade.

Então como hoje, o cristianismo no limiar dos novos tempos. Mas hoje, como não se cansa de lembrar João Paulo II, um novo lanço de estrada se abre para nós. E é nessa estrada complexa e com largas margens, repleta de novos desafios, luzes e sinais, aberta a múltiplos encontros e diálogos, que os cristãos hão-de saber viver e anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, pois Jesus Cristo é o contemporâneo de todos os tempos, o companheiro e o próximo de todos os homens, seus irmãos (Hb 2,11.17), «o mesmo ontem e hoje e para sempre» (Hb 13,8). Como fazer? Os estudos e testemunhos que se seguem ajudar-nos-ão certamente a compreender melhor.

Os textos foram revistos pelos autores, a quem agradecemos a colaboração.

ANTÓNIO COUTO

Europa, os seus fundamentos espirituais, ontem, hoje e amanhã

Europa – o que é isso, afinal? Esta pergunta foi insistentemente repetida pelo cardeal Glemp num círculo linguístico do Sínodo sobre a Europa que decorreu em Roma. Onde começa, onde acaba a Europa? Porque motivo é que a Sibéria não pertence à Europa, mesmo que seja ocupada por europeus que adoptam os modos europeus de pensar e de viver? E onde termina a Europa na parte sul da comunidade estatal russa? Quais são as suas fronteiras no Atlântico? Que ilhas lhe pertencem ou não pertencem, e porquê? Neste discurso fica claro que a “Europa” é um conceito que só secundariamente é geográfico. A Europa não é nenhum continente geograficamente evidente, mas trata-se de um conceito cultural e histórico.

A origem da Europa

O que acabámos de referir torna-se evidente quando tentamos perscrutar as origens da Europa. Quando falamos da origem da Europa, estamos habituados a remeter-nos a Heródoto (ca. 484-425 a.C.), que realmente concebia a Europa inicialmente como uma realidade geográfica, definindo-a da seguinte forma: “os Persas consideram a Ásia com os seus povos como a sua terra”. A Europa e a terra dos Gregos, julgam eles, fica efectivamente para lá das suas fronteiras”. As fronteiras da Europa não se encontram aí definidas, mas, é claro que o núcleo territorial da Europa de hoje estava completamente fora do horizonte visual do antigo historiador. Na realidade, com a formação dos Estados helénicos e do Império Romano, construiu-se um “Continente” que se tornou o fundamento do